



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

INGRID OLIVEIRA DA CRUZ MOURA

**A CIDADE COMO LÓCUS DE APRENDIZAGEM: UMA ETNOGRAFIA URBANA
DO CAMPO DE ESTÁGIO EM SOCIOLOGIA NO INSTITUTO FEDERAL DA
PARAÍBA – IFPB (CAMPOS CAMPINA GRANDE)**

**CAMPINA GRANDE
2023**

INGRID OLIVEIRA DA CRUZ MOURA

**A CIDADE COMO LÓCUS DE APRENDIZAGEM: UMA ETNOGRAFIA URBANA
DO CAMPO DE ESTÁGIO EM SOCIOLOGIA NO INSTITUTO FEDERAL DA
PARAÍBA – IFPB (CAMPUS CAMPINA GRANDE)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia Urbana.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Maria Jackeline Feitosa Carvalho

**CAMPINA GRANDE
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M929c Moura, Ingrid Oliveira da Cruz.

A cidade como lócus de aprendizagem [manuscrito] : uma etnografia urbana do campo de estágio em sociologia no Instituto Federal da Paraíba – IFPB (Campos Campina Grande) / Ingrid Oliveira da Cruz Moura. - 2023.

28 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Sociologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho , Departamento de Ciências Sociais - CEDUC. "

1. Ensino de Sociologia. 2. Etnografia urbana. 3. Sociologia urbana. 4. Cidade. I. Título

21. ed. CDD 301

INGRID OLIVEIRA DA CRUZ MOURA

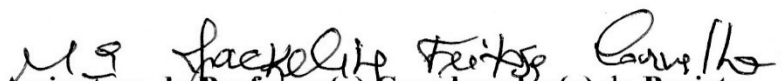
A CIDADE COMO LÓCUS DE APRENDIZAGEM: UMA ETNOGRAFIA URBANA DO
CAMPO DE ESTÁGIO EM SOCIOLOGIA NO INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍ-
BA IFPB (CAMPUS CAMPINA GRANDE)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação
/Departamento do Curso Licenciatura em
Sociologia da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à obten-
ção do título de Licenciada em Sociologia.

Área de concentração: Sociologia Urbana.

Aprovada em: 28 / 11 / 2023.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Maria Jackeline Feitosa Carvalho (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof^a. Dr^a. Iolanda Barbosa da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente

gov.br

MARCELO DA SILVA ARAUJO

Data: 22/02/2024 10:20:49-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof^o. Dr^o. Marcelo da Silva Araújo
Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

À minha avó, pela dedicação,
companheirismo e amizade, DEDICO.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 – Vista área do IFPB e seu entorno.....	12
Imagem 2 – Ginásio Poliesportivo.....	13
Imagem 3 – Biblioteca térreo.....	13
Imagem 4 – Biblioteca 1° andar.....	13
Imagem 5 – Sala de aula.....	14
Imagem 6 – Vídeo A Atitude Blasé.....	15
Imagem 7 – Documentário Sinfonia Urbana.....	16
Imagem 8 – Vídeo sobre Interacionismo Simbólico.....	17
Imagem 9 – Paisagem Sonora.....	17
Imagem 10 – Paisagem Sonora produzida por um dos grupos.....	18
Imagem 11 – Dia da apresentação dos vídeos.....	19

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IF	Instituto Federal
IFPB	Instituto Federal Tecnológico

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 O QUE É A CIDADE?	10
2.1 Direito à cidade.....	11
2.2 Territorialização do Campo de Estágio (IFPB).....	12
3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	19
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIAS	21
APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA	23
ANEXO A – MATERIAL PRODUZIDO PELO PRECEPTOR.....	25

A CIDADE COMO LÓCUS DE APRENDIZAGEM: UMA ETNOGRAFIA URBANA DO CAMPO DE ESTÁGIO EM SOCIOLOGIA NO INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA-IFPB (CAMPUS CAMPINA GRANDE)

LA CIUDAD COMO LOCUS DE APRENDIZAJE: UNA ETNOGRAFÍA URBANA DEL CAMPO DE PASANTÍA DE SOCIOLOGÍA EN EL INSTITUTO FEDERAL DE PARAÍBA-IFPB (CAMPUS CAMPINA GRANDE)

Ingrid Olivera da Cruz Moura*

RESUMO

Este artigo é fruto do relatório do componente curricular Estágio III, em que foram trabalhados assuntos da subárea da Sociologia, a Sociologia Urbana, com os(as) estudantes do 3º ano A de Edificação, nível Médio e Técnico, integrado no Instituto Federal da Paraíba, campus Campina Grande. O objetivo deste trabalho é apresentar a cidade como local de aprendizagem, aproximando os assuntos teóricos clássicos e os conceitos da Sociologia Urbana ao cotidiano dos(as) estudantes. Para fazer uma descrição densa desse processo, foi utilizada a Etnografia urbana, sendo uma pesquisa de observação participante. Para comprovar a possibilidade de conectar os assuntos clássicos e seus conceitos da Sociologia Urbana ao cotidiano estudantil, foram produzidos pelos discentes vídeos do trajeto escolar até suas residências e depois correlacionados com os assuntos trabalhados no bimestre. É a partir dos resultados desses vídeos e entrevistas com os(as) alunos que justifico a importância de apresentar para os(as) estudantes a cidade como um espaço que produz e reproduz a sociedade, e por isso é necessário um olhar mais criterioso sobre esses espaços urbanos.

Palavras-Chave: Ensino de Sociologia; Etnografia Urbana; Sociologia Urbana; Cidade.

ABSTRACT

Este artículo es el resultado del informe del componente curricular de la Etapa III, en el que se trabajaron materias de la subárea de Sociología, Sociología Urbana, con estudiantes del 3º año de Edificación, nivel Secundario y Técnico, integrados en la Instituto Federal de Paraíba, campus Campina Grande. El objetivo de este trabajo es presentar la ciudad como un lugar de aprendizaje, acercando los temas teóricos clásicos y los conceptos de la Sociología Urbana a la vida cotidiana de los estudiantes. Para realizar una descripción densa de este proceso se utilizó la etnografía urbana, siendo una investigación de observación participante. Para demostrar la posibilidad de conectar temas clásicos y sus conceptos de la Sociología Urbana con la vida cotidiana de los estudiantes, los estudiantes produjeron videos durante el viaje escolar a sus hogares y luego los correlacionaron con los temas trabajados durante el bimestre. Es con base en los resultados de estos videos y entrevistas con estudiantes que justifico la importancia de presentar la ciudad a los estudiantes como un espacio que produce y reproduce la sociedad, y es por eso que es necesaria una mirada más cuidadosa a estos espacios urbanos.

Palabras Clave: Enseñanza de Sociología; Etnografía Urbana; Sociología Urbana; Ciudad.

* Graduanda em Sociologia pela Universidade Estadual da Paraíba (E-mail: ingridmoura727@gmail.com)

1 INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo mostrar que é possível utilizar a cidade como lócus de aprendizagem para o ensino da Sociologia Urbana, fazendo-se uso do cotidiano dos(as) estudantes em conexão com conceitos teóricos e clássicos do urbano, como a atitude blasé de Georg Simmel. Pela ótica do mesmo autor, foram abordados os conceitos de individualidade, impessoalidade, burocratização das relações, racionalidade, calculabilidade, exatidão e pontualidade. O conceito de ecologia humana, elaborado por Robert Park, além do conceito de interacionismo simbólico, também foi trabalhado. Abordamos ainda a cidade como objeto de disputa e a ideia de valor de uso e valor de troca.

Justifica-se o recorte da cidade levando para a sala de aula, pois estava lidando com jovens que experienciam o cotidiano no meio urbano, mesmo que não morem necessariamente neste perímetro. Como era uma turma de Edificações, era interessante que eles tivessem uma visão crítica do espaço urbano, para além de mega construções de edifícios e obras arquitetônicas voltadas somente ao valor de troca.

A escolha em trabalhar com a etnografia possibilitou a observação participante, que corroborou para a concretização da possibilidade de trabalhar os conteúdos da Sociologia Urbana na educação básica, rompendo o distanciamento entre os assuntos de Sociologia abordados nas escolas e a vida cotidiana de quem estuda. Assim, é possível perceber uma Sociologia viva, e não somente algo que remete ao passado e explica a formação da sociedade e seus desdobramentos.

Apontaremos no sentido de realizar uma reflexão a partir do campo de Estágio III do Curso de Sociologia (Licenciatura) e, ao mesmo tempo, socializar o Relatório do referido Estágio na Escola de Nível Médio e Técnico Integrado Instituto Federal da Paraíba (IFPB) Campus Campina Grande. Todo o processo do Estágio obrigatório aconteceu na mesma Instituição com distintos Professores Preceptores da Disciplina de Sociologia e em Turmas variadas, o que permitiu um acompanhamento mais preciso dos(as) Alunos(as), considerando Série/Ano, Curso.

De modo geral, a Turma a realizar a descrição densa (Geertz, 1989) é a do 3º ano A do Curso de Edificação e conta com 43 estudantes, destes 25 do gênero feminino e 18 do masculino. Acompanhei por um período de três (03) meses – de março a junho de 2023. De maneira que foi possível uma ampla abertura para trabalharmos conteúdos relacionados à Sociologia no Ensino Médio (Técnico) e, em especial e de maneira mais específica, relacionar as discussões com a Sociologia Urbana, área à qual temos tido possibilidade de nos aprofundar na formação desde o 2º Período do Curso; iniciei como pesquisadora na Científica¹ Extensionista² por último como Monitora³. Tais experiências permitiriam me aproximar mais da Turma gerando uma identificação, já que se tratava do Curso de Edificação, construindo

¹ Iniciação Científica através do PIBIC 2020/2021: Impactos da Covid-19 Relacionados à Moradia em Campina Grande (PB); uma análise da ZEIS Pedregal; PIBIC 2021/2022: A Cidade em Disputa ante o Planejamento Oficial e a Participação: uma análise das ZEIS (Campina Grande-PB); PIBIC 2022/2023: Uma Leitura Sociológica do Jardim Europa; Jardim Continental; Vila dos Teimosos; Ocupação do CSU; Ocupação do Distrito dos Mecânicos e Ocupação Macaíba.

² Extensionista voluntária no período de abril à novembro de 2022 intitulado Sob o Chão da Cidade – Espaço de Vidas e Memórias: Mudanças e Desafios das ZEIS Campina Grande (PB).

³ Monitora Bolsista do componente curricular Sociologia Urbana nos semestres 2022.2 e 2023.1 pela Universidade Estadual da Paraíba.

uma perspectiva da cidade como lócus de aprendizagem, sem abrir mão dos teóricos clássicos, relacionando à realidade cotidiana da Turma.

E foi através desse contato que constatei que é possível ensinar conteúdos de Sociologia Urbana nas escolas, ação inclusive que contribuiu para uma leitura da Sociologia Urbana a partir das suas especificidades em Sala de Aula. O que fortaleceu em mim a necessidade e relevância em apresentar para os(as) estudantes uma Sociologia à qual consigam olhar no seu dia a dia e identificar os conteúdos sem parecer algo distante de seus cotidianos. Por isso, é preciso solidificar os conceitos teóricos com as práticas do cotidiano.

Em termos históricos, podemos citar Florestan Fernandes (1955), que em meados do século XX já defendia a importância do alargamento dos conhecimentos sociológicos através do Ensino Secundário, que hoje seria os anos finais do Fundamental II com o Ensino Médio. Essa difusão permitiria passar para os jovens um conjunto de noções básicas e operativas, possibilitando que estes tenham uma visão da vida social, nem estática, muito menos dramática; a Sociologia no currículo escolar permite o movimento, ainda segundo o mesmo autor.

A importância de professores com formação na área que ministram as disciplinas é fundamental para instigarem os(as) estudantes a participarem das atividades em sala e gostarem da disciplina, pois a didática escolhida pelo(a) professor(a) implicará para que isso ocorra. Essa é a observação que faço ao realizar as três etapas do Estágio obrigatório no IFPB, com Professores diferentes e transitando por Cursos distintos (Química, Petróleo e Gás; Edificações).

A metodologia que farei uso nesta Monografia é uma pesquisa do tipo etnográfico escolar/urbana, pois este método permite uma melhor descrição e aproximação do objeto pesquisado, podendo analisar o comportamento e absorção dos conteúdos trabalhados em sala no período do estágio, de modo geral o processo educativo. Mas não se trata, portanto, somente de descrições e recolha de dados, como diz Magnani (1996):

(...) etnografia não é mera descrição ou recolha de dados a serem posteriormente trabalhados: o que se observa e a forma como se ordenam as primeiras observações já obedecem a algum princípio de classificação e, se não se propõe algum, o que vai presidir e orientar esse primeiro olhar é o do senso comum. Que é o que, precisamente, se pretende evitar. (Magnani, 1996, p.17)

Segundo André (2009), alguns autores compreendem a sala de aula como uma multiplicidade de sentidos que devem ser observados pelo pesquisador. Por isso, o resgate da abordagem antropológica para superar alguns problemas que se tinham ao analisar esquemas de interações. Com uma abordagem qualitativa e pesquisa bibliográfica, busca-se construir uma base sólida para compreender melhor como encaminhar o processo da pesquisa. Utilizando a técnica de observação participante, pois, segundo André (2009), permite, através de ferramentas como registro de campo, fotografias e outros mecanismos, entender o cotidiano e a cultura do grupo pesquisado, como exposto abaixo:

Através basicamente da observação participante ele vai procurar entender essa cultura, usando para isso uma metodologia que envolve registro de campo, entrevistas, análises de documentos, fotografias, gravações. Os dados são considerados sempre inacabados. O observador não pretende comprovar teorias nem fazer “grandes” generalizações. O que busca, sim, é descrever a situação, compreendê-la, revelar os seus múltiplos significados, deixando que o leitor decida se as interpretações podem ou não ser generalizáveis, com base em sua sustentação teórica e sua plausibilidade. (André, 2009, p.31).

Foram utilizadas entrevistas semiestruturadas como instrumento roteiro de entrevista. Entrevistados 05 (cinco) estudantes, sendo 4 (quatro) do gênero masculino e 1 (uma) do gênero feminino. Isso expressa uma certa contradição, tendo em vista que a Turma é composta por uma maioria feminina, porém, dispostos a ceder a entrevistas, só foram esses. Além disso, houve o uso de fotografias para se ter uma dimensão melhor do espaço descrito e analisado na pesquisa.

Quanto à discussão teórica, irei recorrer aos que foram trabalhados em sala, acrescentando alguns outros que não foram abordados em sala, mas que corroboram para a discussão, a exemplo de Raquel Rolnik e Manuel Castells. No primeiro momento, iniciarei uma discussão sobre “O que é a cidade” abordando a origem e o conceito de cidade para Rolnik e o “Direito à cidade” para Henri Lefebvre. Assim como utilizarei o aporte de Robert Park e Manuel Castells para contribuir na discussão teórica sobre a cidade.

Por meio de análise, farei uma territorialização do espaço do campo de Estágio a partir da recuperação da historicidade do IFPB, resgatando sua memória institucional, quantas pessoas são atendidas por essa Instituição, dentre outras informações.

2 O QUE É A CIDADE?

A origem da cidade se confunde com a ideia de industrialização, mas, segundo Lefebvre (2008), a cidade é preexistente à industrialização. Antes do processo de industrialização, já existiam cidades, não com a mesma dinâmica e formato das cidades modernas, mas existiam como as cidades orientais, arcaicas, medievais, etc. Com o nascimento do capitalismo e o início da industrialização, a cidade encontrava-se em uma poderosa realidade, possuía um formato que favoreceu o processo de industrialização.

Para Rolnik (1988), a cidade é um ímã, um campo magnético que agrupa e coaduna os homens. A cidade também é um grande alfabeto que escreve a sua própria história de acordo com o tempo-espaço. Lefebvre (2008) compreende a cidade também como obra ao destacar que as cidades concentravam riquezas não somente monetárias, mas tudo que contribui para a dimensão histórica. Ou seja, a cidade como obra tem o seu valor de uso, que vai de encontro com a lógica mercadológica da cidade como produto, apenas com o valor de troca. Essa obra tem a arte como elemento que restitui à cidade em seu caráter de obra, por exemplo, a música mostra a apropriação do tempo, a pintura e as esculturas mostram a apropriação do espaço. Esses elementos são os que vão permitir a demonstração de como nasce uma totalidade a partir de determinismos parciais na sociedade urbana.

Para Castells (1983), todo espaço é construído, inclusive o urbano. Sendo necessária uma delimitação teórica ou ideológica para delimitar o espaço urbano, delimitação esta que não é muito diferente da delimitação das estruturas/formações sociais. Ainda segundo o mesmo autor, essa especificidade do objeto (espaço urbano) concebe uma unidade definida em instâncias, podendo ser ideológica, político-jurídica ou econômica. O espaço urbano exprime força de trabalho, e suas unidades articuladas com as relações internas geram um sistema urbano. Este sistema tem sua conjuntura definida pelas relações entre os diferentes subelementos, a estrutura social, seus papéis e níveis. Essas articulações definem o sistema urbano, o qual tem regras gerais de funcionamento que são fáceis de serem

determinadas porque trazem as especificidades das regras dos modos de produção, por se tratarem de um sistema de domínio. A complicação começa quando se precisa reproduzir a lógica de subelementos e as transformações do sistema urbano, isso faz surgir novas regras sociais imprevisíveis que, conseqüentemente, vão interferir nas estruturas sociais. Além de ser política, Rolnik (1988) assim, estar na cidade é participar de algum modo de uma vida pública, organizada por meio de uma ação política.

Robert Park (2018) considera a cidade como uma instituição. Assim, é preciso a junção dos elementos da natureza humana acrescentada aos instrumentos que permitem a atuação da ação humana, sobretudo a maquinaria. Desse modo, com todo o processo de junção e relação do indivíduo com o espaço e as ferramentas que permitem a adaptação do homem ao meio, constitui a cidade como mecanismo psicofísico. As expressões da cidade irão se dar segundo o mesmo autor a partir dos interesses particulares e políticos, sendo, de maneira geral, a cidade um processo de crescimento fruto do trabalho de várias gerações humanas, resultando em um produto não planejado.

2.1 Direito à cidade

A cidade como espaço de organização, sobretudo política, carrega um conceito necessário que é o de direito à cidade (Lefebvre, 2008). Segundo o autor é uma espécie de direito guarda-chuva por abrigar uma série de outros direitos.

O direito à cidade se manifesta como uma forma superior dos direitos: o direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade (LEFEBVRE, 2008, p.134).

O direito à cidade é pouco divulgado e, na maioria das vezes em que é apresentado, é com um caráter de assistencialismo. Isso corrobora para o efeito da não apropriação dos espaços urbanos por todos, mas apenas por uma parcela da sociedade, quase sempre por aqueles que podem pagar.

Em condições difíceis, no seio dessa sociedade que não pode opor-se completamente a eles e que, no entanto lhes barra a passagem, certos direitos abrem caminho, direitos que definem a civilização (na, porém frequentemente contra a sociedade - pela, porém frequentemente contra a "cultura"). Esses direitos mal reconhecidos tornam-se pouco a pouco costumeiros antes de se inscreverem nos códigos formalizados. Mudariam a realidade se entrassem para a prática social: direito ao trabalho, à instrução, à educação, à saúde, à habitação, aos lazeres, à vida. Entre esses direitos em formação figura o direito à cidade (não à cidade arcaica mas à vida urbana, à centralidade renovada, aos locais de encontro e de trocas, aos ritmos de vida e empregos do tempo que permitem o uso pleno e inteiro desses momentos e locais etc.). A proclamação e a realização da vida urbana como reino do uso (da troca e do encontro separados do valor de troca) exigem o domínio do econômico (do valor de troca, do mercado e da mercadoria) e, por conseguinte se inscrevem nas perspectivas da revolução sob a hegemonia da classe operária. (LEFEBVRE, 2008, p.138-139).

Esses direitos no Brasil costumam ser negligenciados, apesar de estarem inseridos na Constituição Federal de 1988, art. 6º: "São direitos sociais a educação,

a saúde, o trabalho, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados”. Os pobres urbanos, em sua maioria, são desacreditados da eficiência desses direitos, pois soam como uma “realidade utópica”. Isso ocorre, tendo em vista que, mesmo sendo assegurados em forma de lei, não são cumpridos de forma a atender a todos, principalmente os mais afetados pelas segregações espaciais da vida na cidade.

2.2 Territorialização do Campo de Estágio (IFPB)

O Instituto Federal da Paraíba, campus Campina Grande, está situado no bairro Dinamérica, Zona Oeste da cidade, fazendo divisa com os bairros Centenário, Bodocongó, Quarenta, Cruzeiro, Santa Cruz e Malvinas. O IFPB em Campina Grande foi estabelecido em 2006, mas os primeiros cursos só foram ofertados em 2007. Inicialmente localizado no centro da cidade, em um prédio com apenas seis (06) salas, permaneceu neste endereço por três anos. Em 2008, foi criada a sede no atual bairro Dinamérica, e durante a construção, ocupava um terreno de 2.700 m². Em 2011, já havia expandido para um espaço com mais 22.000 m².

Imagem 1: Vista área do IFPB e seu entorno



Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/campinagrande/galeria-de-imagens/img-20181019-wa0012.jpg/view>. Ano de acesso: 2023.

O Instituto é a parte cercada pelo muro branco, englobando o campo de futebol, estacionamentos e prédios. O IFPB conta com uma estrutura fantástica em relação à maioria das escolas públicas na Paraíba. Apesar do ritmo acelerado, devido ao perfil da escola que é o Ensino Médio Integrado ao Nível Técnico, os(as) estudantes têm muitas disciplinas e apresentam uma maturidade acadêmica, mesmo sendo uma escola tecnicista. As turmas no IFPB são diferenciadas em A e B, sendo a A geralmente composta majoritariamente por alunos de cidades vizinhas a Campina Grande e a B para os alunos residentes de Campina. O IF (Instituto Federal) tem espaços externos grandes, com vivência, laboratórios, ginásio poliesportivo (Imagem 2). Na parte de baixo, encontra-se a quadra poliesportiva e, no andar de cima, onde acontecem as aulas de Judô e Karatê. Há uma grande biblioteca (Imagens 3 e 4), sendo dividida por andar. No térreo, ficam prateleiras

com livros, e no primeiro andar, há cabines e mesas com cadeiras para os(as) estudantes estudarem em grupo ou individualmente.

Imagem 2: Ginásio Poliesportivo



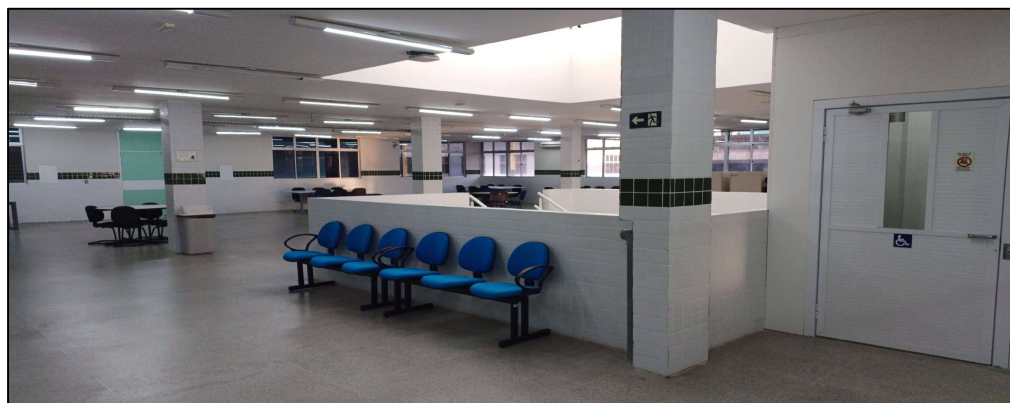
Fonte: Elaboração própria, 2023.

Imagem 3: Biblioteca térreo



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Imagem 4: Biblioteca 1º andar



Fonte: Elaboração própria, 2023.

No entanto, quando se trata de salas de aula, estas são apertadas para comportar uma turma com mais de 40 estudantes. As salas possuem ar-condicionado, televisões para projetar o material e uma lousa grande. No entanto, devido à superlotação, torna-se difícil, por exemplo, realizar uma dinâmica em sala com os(as) alunos(as) formando um semicírculo. Todos(as) têm que ficar enfileirados e amontoados, um por cima do outro, facilitando até que o colega olhe a atividade do outro, e às vezes não é nem proposital, mas sim porque eles(as) são colocados em uma sala apertada para a quantidade de estudantes.

Imagem 5: Sala de aula



Fonte: Elaboração própria, 2023.

Outro problema observado são as filas enormes para o refeitório, obrigando os(as) alunos(as) a saírem mais cedo das últimas aulas antes do almoço para correrem para a fila, que às vezes vai quase até a recepção da escola. A longa fila é também resultado do processo burocrático em que cada aluno(a) precisa assinar uma lista. Esse processo poderia ser substituído por um sistema biométrico ou cartão com a identificação já cadastrada dos(as) alunos(as), beneficiando o almoço oferecido pela escola. Essa demora para conseguirem almoçar impacta no atraso deles(as) para as aulas após o almoço.

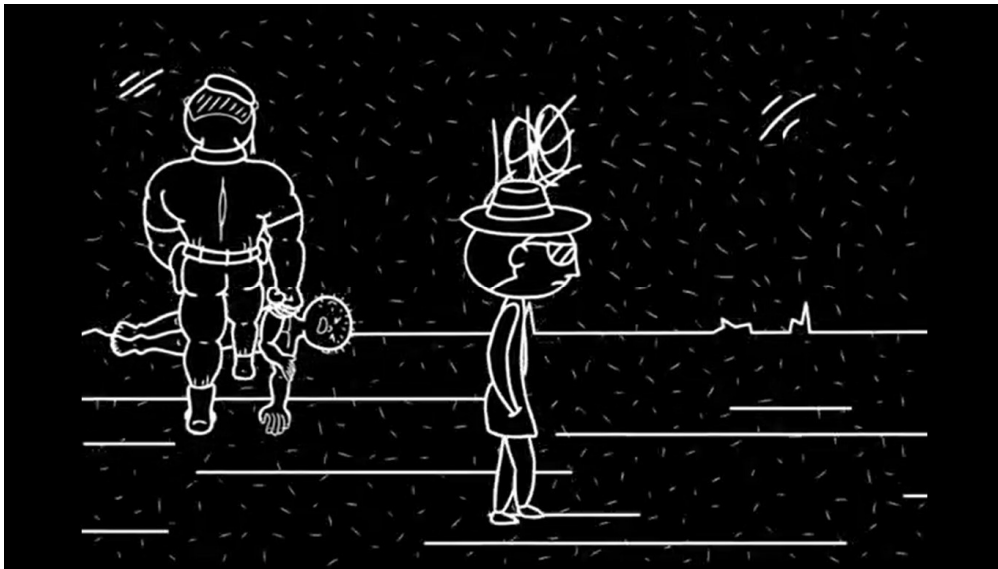
Além disso, os(as) alunos(as) precisam escolher entre almoçar na instituição ou pegar o transporte para voltarem para suas cidades, pois o transporte não espera. Se o aluno perder aquele transporte, só consegue outro horas depois. Para os(as) estudantes de outras cidades que dependem dos transportes que fazem esse trajeto até o IF, é necessário acordarem muito cedo, pois às 7:00 horas da manhã precisam estar em sala. Tem alunos(as) que, antes mesmo de amanhecer, já estão no ônibus. Esse ônibus, na maioria das vezes, é desconfortável, barulhento e faz trajetos longos, pois sai pegando alunos(as) de cada cidade próxima e deixando nas universidades e escolas em Campina. Foram relatados por alunos(as) em sala que demoram duas (02) horas para conseguirem chegar no IF e mais (02) horas para voltar para casa, um processo exaustivo.

3 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA

Inicialmente, foi desenvolvida uma Sequência Didática (Apêndice A deste trabalho) como proposta de atividade para o componente curricular de Estágio III. Esse material serviria de base para quando entrássemos em campo. Foi elaborada uma Sequência que tinha a cidade como lócus de aprendizagem, e a partir dela, os assuntos da ementa da escola seriam readequados. A turma que mais se identificava com essa possibilidade de readequar a Sequência aos assuntos trabalhados no bimestre pelo Professor Preceptor era a turma de 3º ano A de Edificações. Além de trabalhar com a Sequência Didática, era necessário criar um Projeto de Intervenção para finalizar o Estágio.

Como metodologia, adotei aulas expositivas e dialogadas, utilizando vídeos disponíveis no YouTube e textos de autoria do professor preceptor (Anexo1).

Imagem 6: vídeo A Atitude Blasé



Fonte: GOMES, 2010. Disponível em: <https://youtu.be/lAg3ep9sNCg?si=H-OR8aUI1kQctckl>. Acesso Nov, 2023.

Provocando os(as) estudantes com perguntas norteadoras, tais como: "Vocês sabem como as cidades se organizam?" para o andamento da aula. Ao expor todos os autores e conteúdos da Sociologia Urbana, como Georg Simmel, Escola de Chicago, Robert Park, valor de uso/troca e a cidade como objeto de disputa, iniciei com Georg Simmel, explorando o conceito de individualidade, impessoalidade e burocratização das relações, racionalidade, calculabilidade, exatidão e pontualidade (neste momento, fiz uma conexão com Émile Durkheim para entender o processo de organização da sociedade). Abordei a atitude blasé e o estímulo da competição provocado pela vida na cidade, conforme Simmel. Além disso, apresentei um documentário que ilustrava a explanação realizada.

A princípio, a atitude blasé foi o conceito que os(as) alunos(as) mais se apropriaram e conseguiram identificar no dia a dia, corroborando a tese inicial sobre a relação entre o cotidiano, as teorias, e a identificação com a experiência de quem estuda.

Uma questão importante a se considerar é que, devido ao calendário exíguo, seria melhor reforçar a aprendizagem em sala, trazendo exemplos rápidos e dinâmicos. Trazendo questionamentos como: por que não nos sensibilizamos ao ver pessoas em situação de rua ou o motivo pelo qual não nos abalamos com a quantidade de pessoas em situações de pedintes? Exemplos capazes de serem

memorizados e compreendidos pelo conteúdo, como fiz em sala ao levar algumas balas (doces).

Imagem 7: Documentário Sinfonia Urbana



Fonte: Sinfonia Urbana. 2013. Disponível em: <https://youtu.be/6bVfMAR1pg4?si=-sOroqecKxLJViy->. Acesso Nov, 2023.

Selecionei alguns alunos aleatoriamente e pedi que escolhessem um animal terrestre, meio aquático e aéreo. Depois que escolheram, perguntei a eles quem receberia a bala. Na hipótese de a bala ser um alimento importante, expliquei que o gavião, por ser o mais rápido e forte entre os outros animais escolhidos, conseguiria atingir o objetivo inicial da dinâmica. Deixei claro que o intuito da atividade não era estimular o espírito competitivo, mas sim iniciar de maneira dinâmica o assunto Escola de Chicago, que aborda a cidade como um ecossistema. Dentro desse ecossistema, existe obviamente a seleção natural, onde os mais aptos e fortes sobrevivem, daí a dinâmica da bala. Abordei o conceito de Ecologia Humana, elaborado por Robert Park, que serviu como base para o estudo do comportamento humano e a posição que os indivíduos ocupam no meio social urbano. Esse conceito foi fundamental para o estudo do comportamento humano, e a referência era a posição que esses indivíduos ocupam no meio social. A principal ideia da Ecologia Humana era perceber se o ambiente "habitat" onde os seres humanos vivem e têm relações de trocas sociais determinam ou influenciam essas ações no sentido de estilo e modo de vida.

Na aula seguinte, foi trabalhado de forma mais aprofundada Robert Park, apontando o conceito de interacionismo simbólico⁴. Para Park, a vida social do indivíduo está baseada em sua capacidade de se comunicar, mesmo a cidade apresentando uma porosidade em que os diferentes grupos não se misturam, mas estão em contato, resultando na segregação socioespacial da população urbana. Na aula subsequente, abordou-se a Sociologia Urbana, observando a cidade como objeto de disputa, que ao mesmo tempo que produz, reproduz a sociedade. Introduziu-se o conceito de valor de uso e valor de troca, além do conceito de dinheiro como uma espécie de abstração da abstração. A concepção de trabalho

⁴ Interacionismo Simbólico é o modo como os indivíduos se relacionam com o outro, baseado em três premissas, primeiro: o ser humano age de acordo com as normas e os sentidos em que lhe são apresentados no seu ambiente social; segundo: os significados são definidos através das relações e interações das pessoas; e por último: esses significados são manipulados pela interação que a pessoa tem ao entrar em contato com esses entendimentos.

perde sua qualidade real e se torna uma abstração, reduzida apenas a um equivalente universal, que, no caso, é o dinheiro.

Imagem 8: Vídeo sobre Interacionismo Simbólico



Fonte: Interacionismo Simbólico. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/YsnN8jjbcHA?si=Nf3eFrCM23Hv1TPY>. Acesso 2023.

Todas essas aulas funcionavam como uma espécie de mediação entre mim e o preceptor, permitindo que as metodologias se complementassem e trouxessem naturalmente dinamicidade para as aulas. Após o término dos conteúdos, apresentei um vídeo sobre paisagem sonora como uma das atividades avaliativas do bimestre.

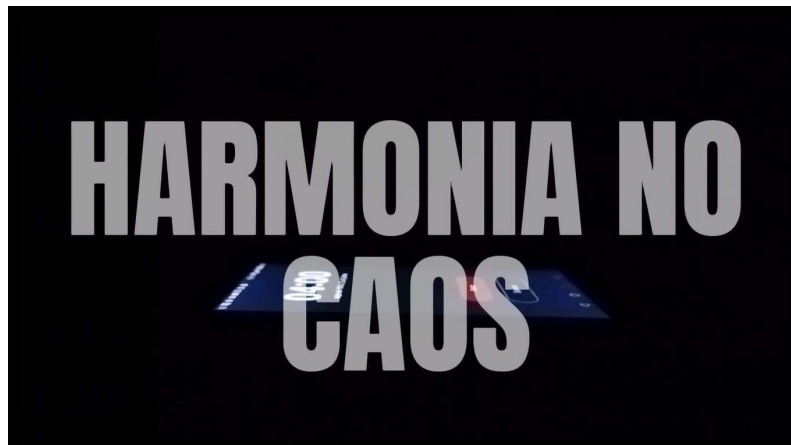
Imagem 9: Paisagem Sonora



Fonte: Paisagem Sonora, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/Wphqyh4rBvM?si=g7oKT2UsPlex1EO>. Acesso 2023.

O Professor Preceptor disponibilizou até 50 pontos para avaliar minha atividade, pontuando diretamente na média dos estudantes. Assim, criei a oficina que serviu como projeto de intervenção, intitulada "Oficina - Paisagem Sonora da Minha Cidade até a Escola". O objetivo dessa oficina era compreender, por meio de um minidocumentário de no máximo 5 minutos, o cotidiano da cidade onde vivem os(as) alunos(as) e o trajeto até a escola.

Imagem 10: Paisagem Sonora produzida por um dos grupos



Fonte: Imagem de um dos vídeos feito por estudantes do 3º ano A de Edificações. Ano 2023

Contêm sons característicos dos lugares, como o sino da igreja, o som da catraca dos ônibus, entre outros, e devem corroborar com as discussões que foram feitas em sala durante todo o bimestre. Era necessário que, para além da apresentação do material em vídeo, pelo menos dois integrantes do grupo fizessem uma breve explicação do que foi apresentado e a correlação com os assuntos abordados em sala. Abaixo, seguem as regras para a atividade, também conforme a Imagem 10 a seguir:

- Grupo com até 7 componentes; todos os grupos terão no máximo 10 minutos para expor o vídeo e fazer a explicação do que foi apresentado com as temáticas discutidas em sala.
- O vídeo pode ter o cotidiano de cidades diferentes, mas obrigatoriamente tem que ser das cidades onde residem os participantes do grupo.
- As imagens têm que ser autorais!
- Os alunos devem criar um título para o minidocumentário; estão livres para utilizar a criatividade.
- É necessário ter nos créditos a série, curso, os nomes dos integrantes, da "Professoranda" (Ingrid Moura), e o Professor Preceptor.
- A data de entrega e apresentação do material tinha que ser no dia acordado coma turma, não havendo possibilidades de entregar depois do prazo.

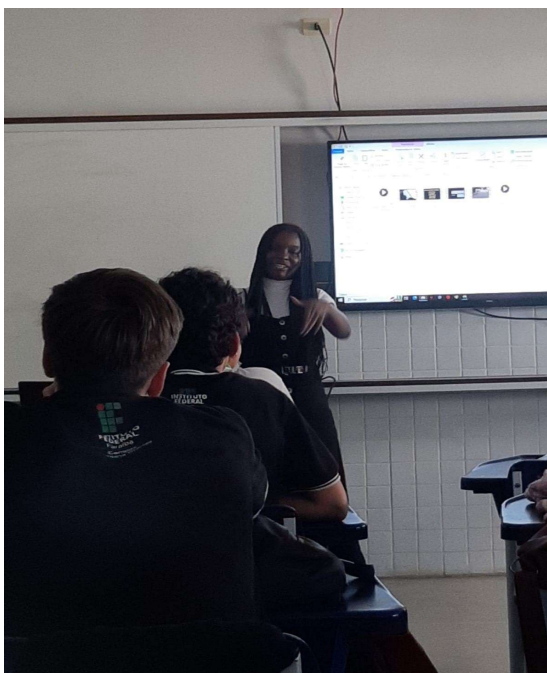
Pontuação: até 50 pontos (25 pontos destinados à elaboração e criatividade para produzir o vídeo, e os outros 25 pontos para explicação do vídeo de forma coesa e interligada aos assuntos discutidos em sala durante o bimestre).

Os resultados dos trabalhos foram excelentes. Foi perceptível o engajamento deles com os assuntos trabalhados em sala e isso foi exposto em sala.

Algo que gostaria de enaltecer é a capacidade deles(as) de fazerem correlação também com assuntos de outras disciplinas; ou seja, essa atividade acabou sendo interdisciplinar.

Além disso, foi notório como eles(as) estavam ansiosos(as) e instigados(as) a realizarem esse trabalho, um trabalho que foi coletivo; todos os grupos apresentaram no dia. É importante ressaltar que essa turma tem 43 alunos, foram 6 grupos, 5 grupos com 7 alunos e 1 com 8. Eles(as) levaram Simmel, valor de uso / valor de troca, migração pendular, a relação de dependência entre o urbano e campo.

Imagem 11: Dia da apresentação dos vídeos



Fonte: Elaboração própria, 2023.

A atividade, que parecia uma simples tarefa escolar, trouxe a realidade dos(as) alunos(as) que estudam nessa Instituição, que às vezes é ignorada pelo corpo docente. Pois a maioria dos(as) Professores(as) não consegue sequer entender o motivo pelo qual o(a) aluno(a) está desmotivado(a) ou apático(a) em sala, pouco participativo(a), ou não cumpre com as tarefas passadas pelos(as) professores(as). Através dos vídeos produzidos, foi perceptível uma rotina cansativa; passam mais da metade dos seus dias destinados à escola.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para corroborar com a pesquisa em questão e a ideia inicial de trabalhar os clássicos da Sociologia Urbana em salas da Educação Básica, foram entrevistados cinco estudantes da turma observada em questão, utilizando um roteiro de entrevista semiestruturada composto por apenas 6 (seis) perguntas.

Ao serem questionados se já tinham visto os assuntos trabalhados naquele bimestre em outros anos ou com outros professores, não necessariamente na disciplina de Sociologia, todos os entrevistados afirmaram que não. "Não, para falar a verdade, a Sociologia que a gente tinha era bem pouca, a gente nunca tinha visto aquele tema lá não! Principalmente do jeito que foi trabalhado." (Masculino, 18 anos).

Com o intuito de saber se os estudantes conseguiam ver importância nos conteúdos apresentados, todos os entrevistados concordaram que sim, principalmente por agora conseguirem nomear e conceituar fenômenos urbanos, como a dinâmica das grandes cidades, em que a impessoalidade e a individualidade são fatores característicos. Elementos que antes passavam despercebidos para o grupo entrevistado.

Eu acho que foi bom para o conhecimento em relação a: você sabe que aquilo acontece, mas tem como dar um nome, entende? Dar um nome

aquilo que tá acontecendo. Você sabe que vive aquilo, mas estudar mais detalhadamente, de que forma aquilo acontece, o por que aquilo está acontecendo? Eu achei muito importante! **(Masculino, 18 anos)**.

Eu acho que a resposta seria sim, mas acho que é porque meio que depois que eu aprendi nesse Bimestre de Sociologia, eu consegui entender e dar nome as coisas [fenômenos urbanos]. Porque tipo assim, a gente tem um entendimento bem básico sobre o funcionamento da cidade, só que estudando a pessoa consegue entender os conceitos, o *porquê das coisas acontece daquele jeito*, e consegue dar nome às coisas, acho que isso é o mais relevante. **(Masculino, 17 anos)**.

Os temas contribuíram também para uma visão diferente sobre o urbano quando relacionado com os teóricos.

Eu gostei de ver esse conteúdo, pelo menos quando eu estava estudando apresentou uma visão diferente sobre as concepções de alguns Sociólogos sobre como era as relações das pessoas na cidade. Quando falou sobre as cidades industriais, os seres humanos... fazendo com que eles perdessem a sensibilidade, então assim, acho que é importante pra gente ter uma visão dessas concepções *desses caras* [Teóricos da Sociologia] aí, como se dão nossas relações dentro do meio urbano. **(Masculino, 17 anos)**.

Em relação à Sociologia Urbana, o conteúdo que ocasionou maior aprendizagem foi o de atitude blasé de Simmel, “a atitude Blasé! Porque é uma coisa que eu justamente não tinha percebido que a gente fazia isso!” (Feminino, 18 anos).

O conceito de Simmel, atitude blasé, eu acho que foi a coisa que eu mais aprendi, porque se falou várias vezes, aí teve a parte que tu passou o trabalho, dos vídeozinhos das cidades, acho que foi o que mais enfatizou, e acho que foi o conceito que eu mais gostei de aprender porque eu não conhecia ele antes. **(Masculino, 17 anos)**.

Mesmo que alguns não conseguissem lembrar o nome do conceito ou autor, conseguiam, do seu modo, explicar e indicar o conteúdo de Simmel. É necessário destacar que essa entrevista ocorreu três meses depois de termos encerrado o bimestre, e por se tratar de um assunto novo, é normal ocorrer o esquecimento parcial dos conteúdos. Como no caso de um estudante:

(...) falaram muito naquele assunto que eu me esqueci o nome agora, que falava sobre o cotidiano, coisas que aconteciam, acontecem e a gente meio que ignora, muito em conta da globalização em si, né?!.. eu não lembro mais. **(Masculino, 19 anos)**.

Foram questionados se conseguiam fazer uma síntese dos conteúdos vistos em sala, e se tinham contribuído para uma nova compreensão da cidade:

(...) a gente começou vendo sobre o conceito de Sociologia e Cidade, acho que foi por aí... aí a gente começou a ver como é que as pessoas transformavam o ambiente urbano e a relação que tinha entre o crescimento urbano... Depois a gente viu um pouco sobre o início da Sociologia Urbana, tanto que a gente viu um pouco sobre a Escola de Chicago, a gente viu alguns estudiosos sobre Escola, que lançaram alguns conceitos sobre Sociologia Urbana, depois a gente viu alguns conceitos sobre Valor de Uso e Troca, mas essa parte eu não lembro de jeito nenhum. **(Masculino, 17 anos)**.

Mais ou menos aquilo que já falei, mas no sentido de ver as mesmas coisas, mas com outros olhares, as mesmas coisas falo em relação a cidade, quem tá nela, quem tá mais no centro, quem tá mais nas margens na cidade, e isso de certa forma clareia sua visão um pouco. Pois é um assunto complexo, que confunde a minha cabeça até hoje, mas me fez clarear por exemplo aquela questão da organização da cidade, como a cidade se organiza, eu acho isso muito massa, é um negócio que levo até hoje pra vida, eu vejo e sempre lembro da matéria.
(Masculino, 19 anos).

No primeiro momento, senti preocupação com a forma tão rápida que ocorreram todas as cinco (05) entrevistas. Mesmo sabendo que se tratava de um questionário curto e simples, eu esperava mais. No entanto, depois lembrei de dois fatores que podem ter contribuído também para entrevistas com termos precoces.

Primeiro, são adolescentes/jovens, muitos dos entrevistados acabando de entrar na fase da maioridade. O segundo é que o tempo em que dei aula e o tempo em que fiz as entrevistas é um intervalo consideravelmente longo. Nosso último encontro tinha sido em meados de junho de 2023, e as entrevistas aconteceram no final de setembro para o início de outubro deste mesmo ano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante desse relato de experiência, fica evidente a importância de difundir conhecimentos sociológicos nas escolas, sobretudo trazendo a teoria para mais perto da realidade do cotidiano. É possível e fundamental levar essas discussões para além dos grandes congressos e paredes universitárias, apoiando-se em conceitos e teorias na sala de aula. Isso permite que os(as) alunos(as) desenvolvam a capacidade crítica de observar os fenômenos urbanos e compreenderem por que determinadas situações acontecem.

Todas as vezes que me perguntaram durante o período de estágio sobre o que estava lecionando, ao mencionar que estava trabalhando com assuntos da Sociologia Urbana, as pessoas se espantavam. Parecia como se esses temas fossem algo muito distante da realidade, quando, na verdade, fazem parte do cotidiano muitas vezes despercebido. É importante promover uma Sociologia viva dentro das salas de aula do Ensino Básico, consolidando clássicos. No entanto, não podemos permanecer no mesmo circuito fechado; é necessário cativar os alunos e mostrar-lhes a realidade por meio dos assuntos trabalhados em sala.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza. ETNOGRAFIA DA PRÁTICA ESCOLAR. Papyrus Editora, 2009.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

CASTELLS, Manuel. A Questão Urbana. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

Campus Campina Grande completa 11 anos. IFPB notícias.2017. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/noticias/2017/11/campus-campina-grande-completa-11-anos>. Data de acesso: 01 nov.2023

FERNANDES, Florestan. O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira. São Paulo: Sociedade Brasileira de Sociologia, 1955. Acesso em: 20 mai. 2023.

GEERTZ, Clifford. Por uma descrição densa. 1989.

LEFEBVRE, Henri. O Direito à Cidade. 5 ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2008.

LOPES, Francisco; LIMA, Alexandre. DIRETRIZES CURRICULARES ESTADUAIS NO CENÁRIO PÓS-BNCC: O LUGAR DADO AOS CONTEÚDOS DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO. 2021. 20º Congresso Brasileiro de Sociologia Belém-PA 12 a 17 de Julho de 2021. Acesso em 20 mai.2023.

MAGNANI, José Guilherme C. & Torres, Lilian de Lucca (Orgs.) Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

PARK, Robert Ezra. 1864-1944 A cidade. Em VALLADARES, Licia (org), . A sociologia urbana de Robert E. Park, Rio de Janeiro: Editora Ufrj,2018.

ROLNIK, Raquel. O que é Cidade. São Paulo: Editora Brasiliense. 1988.

SIMMEL, Georg, A metrópole e a vida mental. Em VELHO, Otávio G. (org), O fenômeno urbano, Rio de Janeiro: Guanabara, 1987 (1902).

APÊNDICE A – SEQUÊNCIA DIDÁTICA



Aula 1

Tema: Georg Simmel e a vida na metrópole;

Utilizarei em sala vídeos: <https://youtu.be/lf-4kMyb2Wg> ;
<https://youtu.be/6bVfMAr1pg4> ; <https://youtu.be/lAg3ep9sNCg> .

Metodologia: Aula expositiva dialogada;

Método Avaliativo: Exercício para casa observar no trajeto casa/escola alguma situação do cotidiano que passa despercebido por conta da "Atitude Blasé". O relato deve ser apresentado na próxima aula.

Aula 2 e 3

Tema: Escola de Chicago;

Utilizarei vídeos: https://drive.google.com/file/d/1yoWiNmzsQ8va-SFiGLrJWKHZZ6AOkQ20/view?usp=share_link ;

https://drive.google.com/file/d/1ELJIBIV40yDe1ywwP43AaMDvP5Zr-Dht/view?usp=share_link ;

Livro: Sociologia em Movimento :
https://drive.google.com/file/d/1bL7AYv8VI3yZuD0riKqAZZzgCtVxh1tZ/view?usp=share_link .

Metodologia: Aula expositiva dialogada;

Aula 4

Temas:

- Pós-escola de Chicago - Henry Léfèbvre (Valor de uso, valor de troca, fetiche da mercadoria e direito a cidade).
- Conflito entre capital e trabalho no espaço urbano.
- Gentrificação, segregação socioespacial e conceitos importantes de Sociologia da violência urbana.

Metodologia: aula expositiva dialogada;

ANEXO A – MATERIAL PRODUZIDO PELO PRECEPTOR



Disciplina: Sociologia Abril/23

Profº: M.Silva

Série: 3ª Turno: 2º

Georg Simmel e a individualidade na metrópole

Georg Simmel (1858-1918) desenvolve uma reflexão acerca da vida na cidade e a construção da individualidade nesse contexto. De acordo com ele, a vida na cidade é organizada a partir da impessoalidade e da burocratização das relações: a qualidade é substituída pela quantidade; o homem passa a ser um número; a troca é dominada pela lógica do dinheiro (impessoal e abstrata).

A complexidade das relações que ocorrem na cidade exige racionalização, pontualidade, exatidão e calculabilidade, aspectos essenciais para que a vida não setorne um caos.

A impessoalidade imposta às relações entre os cidadãos e o aumento da densidade demográfica exigem dos indivíduos uma **atitude blasé**, isto é, uma falta de empatia em relação ao que o cerca. De acordo com Simmel, tal característica é um dos elementos essenciais da sociabilidade no espaço urbano.

Na cidade, essa atitude é necessária como forma de preservação da individualidade: o indivíduo é exposto a tantos estímulos que necessita desenvolver uma atitude de indiferença para preservar sua personalidade. O uso do dinheiro reforça essa atitude *blasé*, pois as coisas deixam de ter características específicas e passam a ser vistas pelo seu valor monetário (a quantidade substitui a qualidade). Assim, todo o mundo objetivo é desvalorizado, tanto as coisas como as relações entre os indivíduos, em nome da preservação da subjetividade.

A cidade também faz com que a competição entre os indivíduos aumente. A aglomeração de pessoas nos obriga a procurar especializações, diferenciações para sobrevivermos economicamente. Tal fato intensifica a divisão do trabalho, tornando os homens cada vez mais diferentes.

Mesmo assim, perante tal indiferença, passamos despercebidos na cidade. A experimentação da indiferença faz com que os indivíduos busquem extravagâncias para sobressair. No entanto, constituímos apenas elos em uma engrenagem maior.

“Os problemas mais graves da vida moderna derivam da reivindicação que faz o indivíduo de preservar a autonomia e a individualidade de sua existência; a pessoa resiste a ser nivelada e uniformizada”

A vida na metrópole proporciona maior liberdade em relação à vida nas cidades pequenas. Nestas últimas, o controle em relação ao indivíduo é maior. Esse indivíduo, que se libertou das amarras históricas e morais, agora deseja se distinguir dos demais.

O estilo de vida da metrópole é cosmopolita por natureza, uma vez que ela expande suas relações para muito além dos seus limites .

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter concedido forças e sabedoria nessa trajetória acadêmica.

A mim, por não ter desistido mesmo passando pelo processo pandêmico com crises de ansiedades constantes durante todo o curso. Sou a realização do sonho não somente dos meus ancestrais, mas também de quem vive contemporâneo em mim.

À minha Avó Maria Martinha, por ter sido a primeira acreditar que esse sonho poderia dar certo e me apoiar, mesmo vindo de uma realidade em que foi proibida de estudar pelo seu genitor. Muito obrigada por todo o esforço, te amarei para todo o sempre.

À minha Mãe Lindineide Oliveira, por tentar se fazer presente e emanar seu amor por mim mesmo separadas por milhares de quilômetros, e ter sido a primeira a investir em mim para ter uma base educacional boa.

Ao meu pai Edmilson Moura, pela ajuda para me manter em outro Estado enquanto me concentrava na minha formação.

Aos meus Irmãos Ícaro Oliveira, Richard Oliveira, e às minhas primas Camille Santos, Vitória Santos, Brenda Santos, por serem o meu motivo de eu persistir e servir de inspiração, muito obrigada por sempre acreditarem no meu potencial.

Ao meu avô Valter Vitoriano (in memoriam), embora fisicamente ausente, sinto sua presença ao meu lado, dando-me força. Sigo imaginando que está muito orgulhoso da história que venho escrevendo.

À Professora Maria Jackeline pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e ao Grupo de Estudo e Pesquisa sobre o Urbano – GEUR, coordenado pela mesma, em que participei ao longo da graduação juntamente com a Iniciação Científica e Extensão.

Aos meus amigos de infância/adolescência que permaneceram na minha vida e mesmo de longe puderam acompanhar a minha trajetória no curso e sempre demonstraram apoio em especial Paulo Sales, Tauane Farini e Cristiana Souza.

Aos meus amigos que conheci em Campina Grande e tornaram-se a minha família (Alan Santos, Débora Dourado, Fhayra Vitória, Isabela Tavares, João Vitor, Maria Vitória, Sabbrinna Maria).

Aos colegas de Curso (Carlos Rodrigo, Dayane Luna, Gabryel Luan, Kiuwre Freitas e Michelly Araújo) pelos momentos de amizade e apoio.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Sociologia da UEPB, em especial, Iolanda Barbosa, Nerize Laurentino e Waltimar Lula, que contribuíram ao longo desses quatro anos e meio, através das disciplinas e debates, para o meu amadurecimento nos conhecimentos sociológicos.

Aos funcionários da UEPB, em especial a Flaviano do Departamento de Ciências Sociais, pela presteza e atendimento quando me foi necessário.